

Jogar e viver: correlações. Uma interpretação kantiana

*Wagner Barbosa de Barros*¹

Resumo: Para Kant, os jogos desempenham um papel extremamente importante na vida humana, já que são responsáveis por colocarem o espírito em atividade e, ao fazê-lo, avivá-lo na direção da sociabilidade, da moderação e do refinamento. De acordo com suas Lições de pedagogia e de antropologia, os jogos não são uma mera distração, eles são uma ótima ferramenta para se aprender a viver. O objetivo deste artigo é o de, em um primeiro momento, recuperar alguns dados biográficos de Kant para aclarar, à luz dos jogos, a dinamicidade subjacente à austeridade do cumprimento da famosa rotina do filósofo alemão e, em seguida, explorar conceitualmente o destaque que Kant dá aos jogos no processo de moralização da criança e do adulto.

Palavras-chave: Kant – moral – educação – antropologia – jogo

Playing and living: correlations. A Kantian interpretation

Abstract: For Kant, games play an extremely important role in human life, as they are responsible for putting the mind into activity and, in doing so, encouraging it towards sociability, moderation and refinement. According to his Lectures on Pedagogy and Anthropology, the games are not a mere distraction, they are a great tool for learning to live. The objective of this article is to, at first, recover some biographical data about Kant to clarify, in the light of games, the dynamicity underlying the austerity of carrying out the German philosopher's famous routine and, then, conceptually explore the emphasis that Kant gives to games in the moralization process of children and adults.

Keywords: Kant – moral – education – anthropology – game

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: wagnerbarros71@gmail.com

Kant foi um filósofo genuinamente rigoroso?

A filosofia de Kant eclipsa fortemente os fatos de sua vida, não apenas porque, decerto, suas reflexões devem ser analisadas por elas mesmas, quer dizer, os conceitos devem postos à luz dos próprios conceitos, mas principalmente porque, em uma primeira análise, sua vida foi quase que integralmente marcada por uma notável inflexibilidade, sem qualquer acontecimento que pudesse chamar a atenção ou despertar a curiosidade de seus leitores. Podemos afirmar que aquele rigorismo empregado na fundamentação de seu sistema crítico, observado, por exemplo, em sua filosofia moral, sobretudo no imperativo categórico, que não admite a abertura de nenhuma exceção à lei ética, extrapola as linhas de seus escritos e, até certa medida, molda também a sua forma de viver; em outras palavras, podemos afirmar que Kant viveu de acordo com sua Filosofia.

Provavelmente, a anedota mais célebre do filósofo de Königsberg, que sempre é recuperada para ilustrar o seu rigorismo, seja aquela que narra a pontualidade de seus passeios. O relato do poeta Heinrich Heine (1797-1856) é o de que:

(...) nem mesmo o grande relógio da catedral fazia seu trabalho diário com tanta paixão e regularidade do que seu compatriota Immanuel Kant: levantar-se, tomar café, escrever, lecionar, comer, caminhar: tudo tinha hora marcada, e os vizinhos sabiam que, exatamente às três e meia, Immanuel Kant, de sobrecasaca cinza, bengala de vime na mão, saía de sua porta da frente e caminhava na direção da pequena Lindenallee, que ainda é chamada de “Caminho do Filósofo” por conta dele.²

Ludwig Ernst Borowski (1740-1831), ex-aluno e amigo de Kant, responsável por escrever sua biografia, a qual contou, não somente com a autorização, mas também com a cuidadosa revisão do pensador crítico, ratifica essa descrição feita por Heine. Na obra *Relato da vida e do caráter de Immanuel Kant*, publicada pela primeira vez em 1804, Borowski descreve detalhadamente o empenho de Kant em cumprir a sua pacata rotina com total esmero.

O que era verdadeiramente característico de Kant, (...), era o seu desejo contínuo de agir sempre segundo princípios bem ponderados e, segundo a sua convicção, bem fundamentados: o esforço de impor certas máximas para tudo, para as coisas grandes e para as pequenas, para as importantes e para as menos importantes (...). Pouco a pouco, essas máximas tornaram-se tão estreitamente entrelaçadas com seu próprio eu que, sem estar claramente ciente delas, agia em seu acordo.³

A diligência de Kant abarcava o horário de seus passeios, do início de suas aulas, do momento de se alimentar, de dormir e de acordar. Ademais, cada pormenor, dessas e de outras tarefas, era organizado igualmente por regras que precisavam ser cumpridas à risca. Kant exigia, a título de exemplo, que toda refeição fosse simples, sem alimentos rebuscados,

² HEINE, *On the History of Religion and Philosophy in Germany and other Writings*, p. 79.

³ BOROWSKI, *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*, p. 69.

todavia, também determinava que, independentemente da carne servida, esta precisava estar macia, além disso, deveria haver bom pão e vinho de qualidade, por fim, não menos importante, toda refeição tinha que ser feita com a devida calma.⁴

Caso queiramos nos aprofundar um pouco mais, podemos recorrer às regras de sociabilidade que teriam que conduzir o andamento de um jantar, apresentadas por Kant em sua obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798). Um convidado precisaria escolher um tema que fosse do interesse comum e que criasse, com isso, a oportunidade para que todos discorressem sobre o tópico elegido, de forma que um silêncio mortal não se assentasse sobre a mesa. Do mesmo modo, os convidados não deveriam variar sem necessidade de assunto, nem deixar surgir a opiniaticidade, conjuntamente precisariam manter suas emoções sempre em disciplina.⁵ Por fim, toda questão trazida à baila precisaria passar sequencialmente por três etapas: “1. *narrar*, 2. *raciocinar* e 3. *gracejar*”.⁶

Kant foi, portanto, um filósofo rigoroso, que fez da sua vida um espelho de sua Filosofia, de sorte que foi propriamente esta a imagem – ou caricatura – legada à história pelos seus estudiosos; porém, disso, não podemos afirmar que ele foi um sujeito austero, sisudo, taciturno, que desconsiderava a vida em seu contento e enxergava no comprazimento um perigo ao cumprimento da lei moral; seu rigorismo é bem mais complexo do que isso. Sua vida tem que ser compreendida a partir da conformidade existente entre seu popular rigorismo e seu, menos popular, elogio ao contentamento dos agrados próprios da sociabilidade, da amizade, dos jantares, do riso e até mesmo do vinho, porquanto o júbilo do divertimento, caso gozado corretamente, é capaz de aproximar os homens de sua finalidade moral.

Relativo a isso, elucidemos que Kant foi uma pessoa querida e admirada, dentro e fora de Königsberg, decerto porque o filósofo, não somente tinha razões para sê-lo, dada a grandiosidade e a coetânea fama de sua filosofia, mas principalmente porque ele se empenhou em ser uma pessoa benquista em seu círculo social; poderíamos afirmar, aliás, que ele se regrou para este fim. Borowski conta que, em suas refeições, o filósofo alemão sempre estava cercado de bons amigos e que, em sua famosa caminhada, habitualmente, tinha ao seu lado um de seus companheiros ou ainda, alguns de seus alunos.⁷

Segundo o biógrafo, Kant se aplicava, na medida do possível, a interceder por todos aqueles que requisitavam a sua ajuda, quer ela fosse filosófica ou não. Borowski afirma que Kant era extraordinariamente ativo com os seus amigos e, sobretudo, com os jovens que chamavam a atenção do filósofo. Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), por exemplo, em 1791, enviou a obra *Crítica de toda revelação* ao pensador, para que este a apreciasse e, caso a julgasse digna, ajudasse-o na sua publicação. Borowski relata que à época, em um de seus passeios com Kant, o filósofo crítico tão logo o viu, foi lhe dizendo:

“Você tem que me ajudar, ajudar rapidamente, a conseguir a um jovem sem meios, nome e também dinheiro. Seu cunhado (Hartung, o livreiro), fale com ele e convença-o de que publique, uma vez que você o tenha lido, o manuscrito que eu lhe enviarei hoje etc.”. Cuidei de tudo com alegria e o vi

⁴ Cf. BOROWSKI, *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*, p. 74.

⁵ Cf. KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, pp. 177-178.

⁶ KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 177.

⁷ Cf. BOROWSKI, *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*, pp. 65-66.

feliz de uma forma inusitada, pois todos os seus desejos e os de Fichte haviam sido realizados e até acima do que ambos esperavam.⁸

Porém, de todos os relatos, o que provavelmente melhor ilustra a compatibilidade entre o rigorismo e o deleitamento na vida de Kant seja o elogio que ele dirige aos jogos, mesmo frente à reprovação do Pietismo, que, segundo Kuehn, entendia o baralho como “um livro de orações ao Diabo”, um caminho que levava direto ao inferno”.⁹ Em sua rotina minuciosamente regrada, sempre houve espaço reservado para o divertimento por meio da disputa com seus amigos em algum certame. Borowski narra que Kant, por um bom tempo, logo após as suas aulas e o seu almoço, costumava ir a uma cafeteria para ali tomar um pouco de chá, conversar sobre os acontecimentos do dia e jogar algumas partidas de bilhar. À noite, ainda segundo o biógrafo, Kant gostava muito de jogar *L'hombre* (um jogo de cartas muito famoso na Europa entre os séculos XVI e XVIII), porque acreditava que o jogo colocava seu espírito em atividade.¹⁰

Diante disso, caso queiramos permanecer a denominar Kant como um filósofo rigoroso, teremos que fazê-lo ao seu modo. A sua pontualidade era cumprida também na intenção de que o início do divertimento dos jogos não fosse protelado. O mesmo acontecia com os passeios e jantares: as suas prescrições não eram normas ocas, de uma urbanidade que prezava, acima de tudo, pela sumptuosidade, ao contrário, elas visavam potencializar o gozo próprio à atividade, inclusive quando esta era um passatempo, dada a sua potencialidade moralizante. Neste sentido, a título de exemplo, segundo Kant, em um jantar, o chiste não precisaria ser censurado pelos presentes; somente não deveria ser apresentado em um momento inoportuno, porque caso o fosse, não apenas comprometeria o ritmo da conversação, como também não lograria ser tão engraçado como quando é contado na ocasião propícia.

Em suma, a rjeza no modo de vida que levava era tão bem-disposta que Kant poderia ter por garantido o êxito em seu trabalho, bem como o conveniente comprazimento em seus momentos de diversão, não meramente enquanto o regramento da vida garantiria a ocasião para os jogos, quando a busca pelo fim moral cessaria por alguns instantes, mas precisamente porque a própria atividade de lazer, caso razoavelmente gerida, seria um recurso indispensável para o progresso do espírito em vista deste escopo. Destarte, Kant, de fato, viveu de acordo com sua Filosofia, porque ela, tal como sua vida, apesar de ser permeada pelo rigorismo, não exclui de seu Sistema o apreço pelo contentamento, dentre eles, o dos jogos, já que eles não são somente admissíveis numa vida moral, como também são necessários a ela.

A importância dos jogos na infância

Apesar de a ética kantiana não admitir que os seus princípios sejam retirados do conhecimento antropológico, porque devem, antes de tudo, fornecer as regras ao agir humano, de modo que toda e qualquer influência patológica no momento do cumprimento

⁸ BOROWSKI, *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*, p. 82.

⁹ KUEHN, *Kant. A Biography*, p. 65.

¹⁰ Cf. BOROWSKI, *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*, p. 74.

dos deveres morais é peremptoriamente censurada, a vontade, que é responsável por resistir às tentações dos móveis sensíveis e por satisfazer o que a pureza da lei exige, precisa, sobremaneira, estar suficientemente fortalecida para esta tarefa. Deste fato decorre que, caso nos retenhamos apenas no conteúdo ético formal que Kant apresenta, por exemplo, em sua *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), sem que analisemos suas obras de natureza pragmática, que discorrem a respeito deste fortalecimento da vontade, estaremos impossibilitados de compreender completamente de que modo o fim moral pode ser alcançado pelos homens na história.

Nesse sentido, o projeto educacional de Kant tem por propósito a crítica dos princípios pedagógicos e a análise dos expedientes formativos que possam promover o progresso do gênero humano, isto é, o filósofo alemão almeja circunscrever quais são os recursos educacionais que melhor auxiliam os homens no cumprimento de sua mais alta finalidade: a *moralização*.¹¹

Em sua obra *Sobre a pedagogia* (1803), Kant afirma que “o homem é a única criatura que precisa ser educada”¹², haja vista que não nasce como os animais, determinados por completo em suas ações pelos seus instintos; de forma diversa, o gênero humano constitui-se e aprimora-se propriamente através das relações humanas, ele é um autoprojeto. Os jovens precisam aprender a viver e, justamente por causa disso, caso sejam submetidos a uma educação falha, que não os formem em nome do fim moral, correm o risco de, muito possivelmente, tornarem-se adultos menores, incapazes de pensarem por si mesmos.

Kant estabelece que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”.¹³ A educação passa a ser um importante pilar para o progresso humano, na medida em que ela é necessariamente o primeiro deles. Será muito mais difícil – talvez, até mesmo, improvável – reeducar por completo um adulto e, desta forma, fazê-lo abandonar seus preconceitos e costumes já enraizados a fundo em seu espírito. O processo educacional é próprio à infância, quando o espírito das crianças ainda é maleável, plástico e suscetível ao aprendizado, além de ser livre de preconceitos. Todos os outros expedientes empregados no decorrer da história, quer sejam expedientes formativos ou coercitivos, terão muito mais chances de lograr êxito se forem aplicados adicionalmente a homens que já foram educados desde a primeira idade tendo em conta o fim moral. Caso queiramos vislumbrar a possibilidade de uma boa vontade agindo no mundo, ou antes, uma vontade que empreenda ativamente uma busca nesta direção, temos que educá-la em consideração à liberdade e à autonomia, ou seja, formá-la no horizonte do rompimento com a sua natural selvageria e da conquista de sua moralidade.

Segundo Kant, o principal desafio de um plano pedagógico esclarecido é a compatibilização entre *obediência e liberdade*.¹⁴ Por um lado, os mestres precisam refrear o eu selvagem da criança que, por querer o mundo todo para si, não somente é perigoso a ela própria, já que seus caprichos podem feri-la, como também é hostil àqueles que estão à sua volta, ao colocá-los sob risco. Desse modo, os educadores devem evitar que a criança tome gosto por essa liberdade sem leis, posto que “(...) o homem é tão naturalmente inclinado à

¹¹ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 19.

¹² KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 11.

¹³ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 15.

¹⁴ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 32.

liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica”.¹⁵ Por outro lado, esta necessária subordinação não deve formar no estudante um espírito servil, incapaz de romper posteriormente, com o auxílio de suas próprias forças, com a sua menoridade. A autoridade direcionada ao aluno deve ser aquela que, apesar de submetê-lo ao arbítrio de um superior e às leis dadas externamente, forme-o precisamente para o exercício moral da sua liberdade.

O projeto educacional de Kant assume, nesse cenário, as seguintes etapas: *disciplinar*, *cultivar*, *civilizar* e *moralizar*.¹⁶ No primeiro momento, da *disciplina*, uma etapa estritamente negativa, a criança deve obedecer passivamente aos seus cuidadores, já que seus sentidos e sua razão ainda estão pouco desenvolvidos. Nesta idade ela não consegue avaliar os perigos do mundo à sua volta, alguém precisa fazer isto em seu lugar. Contudo, Kant não estabelece que a criança precisa permanecer enrolada em faixas e protegida de todo contato com o mundo, como comumente era sugerido pela tradição; longe disso, o filósofo alemão compreende que o infante deve perpassar por esse primeiro estágio de desenvolvimento da maneira mais natural possível, ou seja, com seus membros livres e em pleno exercício, a fim de que eles sejam fortalecidos e enrijecidos. Nesta mesma linha de pensamento, os tutores não devem recorrer a carrinhos ou a qualquer outro tipo de instrumento, para que a criança aprenda a andar mais rapidamente.¹⁷ É preciso deixar a natureza agir e, portanto, toda e qualquer artificialidade deve ser expressamente dispensada. Na compreensão do filósofo, é importante que, ao aprender a andar, o infante também aprenda a se equilibrar, a cair e a se levantar, sempre sozinho, utilizando-se apenas de suas mãos e de suas pernas. Ora, tendo como meta pedagógica suprema a formação da autonomia, os educadores precisam buscar assentar no espírito da criança, já nesta etapa da *disciplina*, a confiança nas suas próprias forças, sendo assim, o papel deles é apenas o de criar as condições para que esse primeiro desenvolvimento natural aconteça, bem como o de supervisionar a criança em suas autodescobertas.

Na segunda etapa, a do *cultivo*, é dado início à formação positiva do educando. A cultura, de acordo com Kant, “(...) é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos”.¹⁸ A habilidade é a capacidade de estabelecer determinados fins e habilmente alcançá-los. Neste momento, ainda não estamos diante de fins morais puros, já que, segundo o filósofo alemão, apenas pode ser exigido da criança o que ela realmente está apta a cumprir. Entretanto, é especificamente em vista dos fins morais que ela futuramente deverá alcançar que esta habilidade precisa começar a ser desenvolvida já na infância. Antes de ser capaz de estabelecer fins morais puros e segui-los, um indivíduo tem de conseguir circunscrever uma finalidade qualquer e destramente cumpri-la, porque assim fortalece sua vontade no empenho e na diligência de alcançar a finalidade estabelecida inicialmente, a despeito de todos os desafios e incitações que poderiam desviá-la de seu intento.

A cultura circunscreve um conjunto de aprendizados próprios ao espírito e ao corpo, de sorte que, sempre que possível, eles devem ser feitos conjuntamente e em sua forma mais natural possível. Com isso, seria muito benéfico ao cultivo do aluno se o estudo das horas

¹⁵ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 13.

¹⁶ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, pp. 25-26.

¹⁷ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 45.

¹⁸ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 25.

fosse feito, não apenas dentro da sala de aula, de onde se espera que ele aprenda os números e a divisão própria ao relógio, como também fora dos muros da escola, por exemplo, em uma caminhada por uma trilha, para que ali, no contato com a natureza, a criança, além de se fortalecer fisicamente com o passeio, aprenda adicionalmente a verificar as horas através da observação da posição do sol. Neste mesmo passeio, também poderia ser criada a ocasião para a instrução dos pontos cardeais, com o objetivo de que a localização em uma floresta pudesse ser feita sem a ajuda de uma bússola.¹⁹ No entanto, Kant entende que, mais importante do que todo aprendizado alcançado na junção da teoria com a prática, indispensável para a dinamização do exercício cognitivo, é a conscientização – mesmo que parcial – da força racional e corporal que o infante dispõe, tanto para o conhecimento do mundo quanto da possibilidade de, por meio deste conhecimento, conduzir-se em direção aos fins que estabelece para si próprio, dentre eles, o fim moral.

A terceira etapa, a do *civilizar*, almeja “cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência”.²⁰ O principal objetivo dos educadores nesta etapa deve ser o desenvolvimento da prudência nos alunos, ou seja, ensinar a eles as regras de convivência existentes no mundo dos adultos, onde logo mais serão inseridos; em suma, os educadores devem ensiná-los a serem cidadãos. A esfera das relações interpessoais não é necessariamente regulada pelos deveres morais, com isso, o jovem precisa entender que tão logo seja introduzido neste ambiente, ele precisará dissimular. A urbanidade performada entre os homens na sociedade civil não é propriamente prejudicial, porque ela presta contínua manutenção à troca interpessoal, a qual é indispensável para todo e qualquer progresso que se queira esperar do gênero humano, dentre eles, o moral, posto que não há progresso fora da sociabilidade.

A criança tem que aprender os costumes socialmente convencionados e, em concordância com eles, aprender a retirar e a promover os benefícios próprios às relações interpessoais. Sem embargo, ela não deve se tornar cerimoniosa, ou seja, alguém que, de tão preso às formalidades, apresente-se aos outros como um indivíduo afetado e artificial. O educando precisa aprender a ser um bom ator, com o intuito de que seu fingimento seja tão natural quanto possível, para isso, é imprescindível que saiba distinguir, a partir de uma determinada atmosfera social, o tom a ser seguido ajustadamente em suas ações.

O futuro adulto também precisa aprender a ser imperscrutável, a se resguardar de toda tentativa alheia de ser usado como um simples meio para um fim que não é bilateralmente produtor, dado que somente assim conseguirá angariar renome e influência em seu círculo social. Demarquemos que o exercício da prudência exige um espírito resolutivo no cumprimento do que é próprio ao comércio social. O jovem precisa resistir às suas paixões e declinar o que seus pendores egoístas lhe suscitem em prol da urbanidade. Neste sentido, complementarmente com as etapas anteriores, há o fortalecimento da vontade em vista do fim moral humano.

A última etapa formativa é a da *moralização*. Segundo Kant, “(...) não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas bons fins”.²¹ O conteúdo formal apresentado por Kant em sua ética é expresso em sua obra pedagógica enquanto uma tarefa formativa a ser desenvolvida tanto

¹⁹ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 53.

²⁰ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 26.

²¹ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 26.

pelo professor quanto pelo aluno. Por um lado, o professor deve suscitar nos alunos a formação de um *caráter*, que “consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade”.²² Por outro lado, cabe ao estudante a realização desta tarefa em sua plenitude, já que o passo à autonomia precisa ser necessariamente autoguiado.

Em um primeiro momento, o professor deve elaborar uma rotina escolar que favoreça o regramento do espírito dos alunos, com horários estabelecidos para o início e para o fim de todas as atividades a serem desenvolvidas. Os alunos precisam estar cientes desta agenda para que se esforcem no seu correto cumprimento, ou seja, sem abreviá-la ou alongá-la, independentemente do fato de a atividade ser estimulante ou não a eles. Como lemos na letra do pensador, “quando se quer formar o caráter das crianças, urge mostrá-lhes, em todas as coisas, certo plano, certas leis, as quais devem seguir fielmente”.²³ O importante a ser notado é que o regramento da rotina escolar auxilia no regramento do espírito do estudante. Com isso, é possível esperar que os preceitos que ele adota em sua conduta sejam, em algum momento, não aqueles dados externamente, e sim, os que ele dá a si próprio, autonomamente.

Ademais, o professor precisa orientar os alunos nas questões relativas aos deveres morais, dando destaque para a importância da magnanimidade, da beneficência, do autodomínio, da lealdade, da decência e da pacificidade²⁴, não enquanto simplesmente são cumpridos inconscientemente, mas sim na medida em que são assumidos por princípios, dado que o valor de uma ação está assentado na máxima que a rege, a despeito de sua finalidade. Em vista de tal objetivo, o professor tem que estimular o aluno a sempre examinar a sua própria conduta, para que, através desta ponderação, ele aprenda a identificar os móveis que subjetivamente lhe orientam em suas ações, bem como, por consequência, a querer se afastar daqueles motivos egoístas identificados nesta análise. Kant chega a sugerir um catecismo do direito nesta etapa²⁵, justamente porque, com o estudo de casos populares, na tentativa de compreender se houve ou não injustiça em um exemplo dado aos alunos, eles acabariam por estimular e aperfeiçoar o juízo subjacente à análise. Como resultado, a atividade pedagógica poderia incitá-los a também se colocarem sob inspeção e a se esforcem a cumprir o que a lei moral ordena.

Tendo como horizonte este itinerário formativo, é necessário destacar que o processo educacional proposto por Kant, apesar de, sob alguns aspectos, assumir uma postura pedagógica austera e inexorável, devido ao que é próprio à moralização, a escola não deve ser um ambiente de esmorecimento e dissabor para o espírito dos alunos. Não há razões para que uma boa formação escolar seja conquistada através do sacrifício da júbilosidade característica desta etapa da vida, visto que, segundo Kant, sempre “convém orientar o jovem para a alegria e o bom humor”.²⁶ Em todas as etapas elencadas na obra *Sobre a Pedagogia*, o filósofo crítico dá destaque para a importância de a educação ser conveniente ao espírito dos estudantes, ou seja, ela precisa ser ordenada para formá-los segundo a especificidade do seu modo de aprender. Por conseguinte, dado que as crianças brincam naturalmente, um dos

²² KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 76.

²³ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 76.

²⁴ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, pp. 94-95.

²⁵ Cf. KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 91.

²⁶ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 105.

pilares da pedagogia kantiana será a recomendação do uso das recreações e dos jogos enquanto recurso formativo; o filósofo alemão, inclusive, alude neste tocante a Rousseau, ao afirmar, sob a influência do pensador genebrino, que “não conseguireis jamais formar homens sábios, se antes não formardes traquinas”.²⁷

Deste modo, os jogos não são atividades não-educacionais, nem mesmo atividades educacionais voltadas apenas para a formação do corpo e de algumas habilidades mais simplórias e basilares do espírito infantil. Kant entende que os jogos, assim como o trabalho, são parte imprescindível da formação dos alunos, porque através das brincadeiras eles aprendem a pensar, a julgar, a se relacionar e, principalmente, aprendem que são seres capazes de aprender e, portanto, tornam-se capazes de superarem-se continuamente.

As crianças experimentam por si mesmas suas forças. (...) A corrida é um movimento salutar e fortifica o corpo. Pular, levantar e carregar pesos, manejar a funda, atirar pedras em um alvo, lutar, correr e todos os outros exercícios desse gênero são muito bons. (...) O lançar, seja à distância, seja ao alvo, exercita também os sentidos, especialmente a vista. O jogo de bola é um dos melhores para as crianças, pois requer a corrida benfazeja. Em geral, os melhores jogos são aqueles que, além de desenvolver a habilidade, provocam exercício dos sentidos.²⁸

Kant afirma que, ao participar de uma brincadeira, o corpo e o espírito são fortalecidos pois o aluno tanto rompe com a languidez e a lassidão de seus membros, ao fortificá-los com todos os movimentos necessários ao desempenho das atividades recreativas, quanto promove o aperfeiçoamento de sua razão, ao usá-la na apreensão e aplicação das regras do jogo, tal como na tentativa de formular estratégias para superar seus colegas de brincadeira. Além disso, o filósofo compreende que, enquanto a criança brinca, “renuncia a outras necessidades e, assim, pouco a pouco se acostuma a privar-se de outras coisas. (...) ela se acostuma a ocupações duradouras”.²⁹

Passatempos como a cabra-cega, o pião, o balanço e o papagaio são citados na obra *Sobre a pedagogia* para ilustrar a potencialidade formativa que eles podem desempenhar no processo educacional quando utilizados adequadamente, ou seja, quando são empregados em vista de um escopo pedagógico moralizante. A criança pode, por exemplo, desenvolver sua *habilidade* ao estabelecer como objetivo erguer e manter erguido no céu um papagaio; para tanto, ela precisará correr pelo campo a fim de hasteá-lo, do mesmo modo que terá que calcular qual é o caminho onde correrá menos e erguerá o papagaio mais rapidamente; também terá que manter seus braços ativos na execução dos movimentos com a linha e sua visão atenta aos outros papagaios circundantes no céu. Em consideração a este propósito, a criança necessariamente terá que trazer para a prática o estudo teórico a respeito do comportamento dos ventos – próprio à *cultura* – para levantar o papagaio, para mantê-lo no ar e para fazê-lo se movimentar no céu. O professor deve, por consequência, gerir pedagogicamente esta atividade, com o intuito de que o aluno se divirta e aprenda se divertindo.

²⁷ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 57.

²⁸ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 55.

²⁹ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 57.

A criança também pode desenvolver sua *prudência* por meio das brincadeiras. O exercício da sociabilidade pressuposta à disputa dos jogos em grupo precisa ser bem coordenado pelos alunos e pelo professor, porque somente assim o divertimento poderá ser coletivo. Em um jogo de bola, por exemplo, o aluno é capaz de aprender a se relacionar melhor com seus colegas. Ele pode aprender que, para poder participar da brincadeira, em adição ao uso da urbanidade, precisa seguir empenhadamente as regras do jogo e que, por isso, caso as descumpra, está sujeito a alguma punição ou, até mesmo, sujeito a ficar impedido de continuar participando da recreação. Já nesta idade a criança tem de ser capaz de, dentro dos seus limites, agir prudentemente, ou antes, de compreender que nenhum outro infante quererá brincar com alguém que a todo instante burla as regras de um jogo em proveito próprio, que trapaceia, que mente ou que prejudica os demais durante a recreação.

Em um passatempo coletivo, uma criança necessariamente precisa da(s) outra(s), e vice-versa, por conseguinte, todas devem assumir o firme compromisso de conter o egoísmo, de serem gentis, de seguirem e fiscalizarem o seguimento das regras e, principalmente, de alegrarem-se mutuamente. Vandewalle, inclusive, interpreta este conselho pedagógico kantiano segundo conceitos próprios à atualidade: “o jogo revela o que a psicologia contemporânea chamaria de espaço frustrante, que permite à criança aprender o princípio de realidade”.³⁰ Neste sentido, por meio do jogo, a criança começa a entender que não pode fazer tudo o que quer, nem mesmo conseguirá satisfazer todas as suas vontades, porque o mundo em que vive é um mundo a ser compartilhado com outras pessoas através de regras comuns que precisam ser respeitadas. Durante uma brincadeira, então, mediante as suas diretrizes, o aluno empreende uma renúncia de seus desejos autocentrados e amadurece o modo como se relaciona com os seus colegas de jogo, o que reverbera também em um fortalecimento do espírito no seguimento das regras do ambiente escolar e da própria sociedade. Como o lema estoico que Kant convoca em seu tratado pedagógico estabelece: “*Sustine, abstine: (...) supporta e acostuma a suportar!*”³¹, mote este que, à luz de nossa interpretação, bem que poderia ser traduzido por, *suporta por meio dos jogos e acostuma a suportar o próprio jogo da vida*.

A importância dos jogos na vida adulta

Se o projeto pedagógico kantiano almeja analisar os principais expedientes educacionais que tencionam orientar as crianças à moralização, o projeto antropológico pragmático, mantendo o mesmo espírito e, em certo sentido, dando continuidade ao programa pedagógico – numa espécie de andragogia –, ou ainda alargando o horizonte de pesquisa filosófica, almeja promover uma investigação a respeito do ser humano em geral, com o intuito de que, apoiados neste conhecimento, os homens possam progredir em direção à sua finalidade moral. Em suma, sob os moldes kantianos, a antropologia visa se tornar “uma ciência da utilidade geral”.³²

A antropologia pragmática realiza um estudo sobre o homem especificamente segundo “o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente”.³³ Por não haver uma natureza humana pronta e já plenamente realizada, como pudemos analisar a partir do

³⁰ VANDEWALLE, *Kant. Educación y crítica*, pp. 59-60.

³¹ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 86.

³² KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 23.

³³ KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 21.

escrito pedagógico de Kant, faz-se necessário estudá-la a através do modo que ela constitui a si mesma durante a sua história. É preciso compreender quais são as suas disposições, de que forma elas se desenvolvem e a que tólos elas se encaminham, sempre levando em consideração o fato de que, como a filosofia moral kantiana fundamenta, estamos diante de um ser que, apesar de estar submetido à determinações externas, também é capaz de decididamente resisti-las e ultrapassá-las num plano em que se institui como ser livre e autônomo, na condição em que abandona a sua menoridade e segue apenas às leis puras que dá a si próprio. Logo, a utilidade da antropologia se assenta na possibilidade de, ao entender melhor o que é o homem, poder aprimorar os caminhos que dispõem e ordenam a sua autoconstituição e, assim, direcioná-lo mais acertadamente à sua finalidade. Em razão disso, a antropologia pragmática contribui diretamente com os estudos de educação, direito, religião e ética, pois oferece um retrato mais fiel do homem que é educado, julgado, devotado e moralizado.

Embora Kant apresente em sua obra antropológica características próprias aos diversos povos, como franceses, ingleses, italianos e alemães, e recorra à conhecida caracterização humoral – sanguíneo, melancólico, fleumático e colérico – para discorrer sobre o caráter da pessoa, todas estas reflexões devem ser necessariamente subsumidas à resposta que, ao discorrer sobre o caráter da espécie, o filósofo alemão oferece à questão primordial: “*que é o homem?*”. De acordo com Kant, o ser humano “tem um caráter que ele mesmo cria para si enquanto é capaz de se aperfeiçoar segundo os fins que ele mesmo assume. Por meio disso, ele, como animal dotado da *faculdade da razão* (...) pode fazer de si um animal *racional* (...)”.³⁴As características pragmáticas observáveis em todas as divisões acima mencionadas expressam particularidades assumidas historicamente em decorrência da relação que o gênero humano, enquanto ser livre que é, mantém com as suas determinações naturais, uma vez que esta dinâmica tensional é o que lhe direciona geração após geração ao seu fim último. Com isso, o sujeito individual, um grupo ou ainda um povo sempre devem ser analisados também a partir dos atributos que constituem a espécie, de forma que expressam a liberdade própria a ela na conformação assumida singularmente.

Em consonância com sua obra pedagógica e, de maneira ainda mais ampla, com sua Filosofia da história, Kant afirma que a cultura progressiva do gênero humano se dá por meio do desenvolvimento de suas disposições naturais, a saber, a disposição *técnica*, a *pragmática* e a *moral*. Há um propósito natural a ser alcançado e, em prol da plena realização deste desígnio, os homens precisam se esforçar para perpassar historicamente etapas de aprimoramento nos diversos âmbitos da vida, porque somente assim, em decorrência do seu próprio empenho, o projeto da natureza se torna, ao fim, um projeto inteiramente humano. O trânsito entre o natural e o humano não é apenas um processo de libertação de um comando estranho ao homem, mas principalmente de uma autoconstituição histórico-antropológica que se preenche verdadeiramente de liberdade em direção à sua plena realização moral.

Temos, desta maneira, primeiramente, a disposição *técnica*. Esta disposição se conecta de forma direta com a conformação mais substancial da existência humana, correspondendo à sua estrutura corpórea e racional, as quais, já em germen, prenunciam a liberdade humana. O homem é um ser que tem a capacidade de se desenvolver continuamente, tanto através de sua razão, que de modo industrioso ultrapassa a si mesma sempre que é estimulada ou forçada a isso, quanto através de seu próprio corpo, devido à plasticidade do formato de suas

³⁴ KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 216.

mãos que, sob o comando da sempre crescente razão, adequam-se às mais diversas tarefas.³⁵ O homem, com isso, não está destinado a um único modo de vida - como é o caso dos animais, que, por disporem de um conjunto de características determinísticas, são obrigados a viverem sob certas condições ecossistêmicas específicas -, mas, sim, às condições que ele ordena a si próprio historicamente.

Já a disposição *pragmática* concerne ao fato de que o homem é um ser sociável por natureza, e não somente isso, mas também que o homem só é capaz de desenvolver sua humanidade por meio da relação que mantém com seus semelhantes. O abandono da rudeza e a passagem à concórdia, quer ela comece a ser alcançada pela educação, como vimos, quer ela seja iniciada pelo direito, como a história humana sugere, torna-se possível – adicional e conjuntamente ao desenvolvimento da disposição técnica – através do desenvolvimento da disposição pragmática, a qual favorece o intercâmbio cultural entre os homens. A humanidade, nas suas sucessivas gerações, promove o engrandecimento da ciência, dos costumes, da técnica e, até mesmo, do gosto. Como Kant afirma em sua terceira *Crítica*:

Um homem abandonado em uma ilha deserta não arrumaria, (...) nem a sua cabana nem a si mesmo, nem procuraria flores e menos ainda as plantaria, para assim enfeitar-se; é apenas em sociedade que lhe ocorre ser não apenas um ser humano, mas também, a seu modo, um homem fino (o começo da civilização).³⁶

É válido destacar que nenhum homem produz a si próprio isoladamente, pois cada qual sempre conta com as luzes provenientes das conquistas civilizatórias das gerações passadas, da mesma maneira que, devido a isso, a geração presente, ao se constituir, também acaba por viabilizar a continuidade da promoção coletiva do esclarecimento na história às gerações vindouras. A natureza, inclusive, em consideração ao seu projeto, proveu ao homem, paralelamente à sua disposição à sociabilidade, uma tendência à insociabilidade, responsável por fazê-lo querer todos os bens resultantes do progresso humano coletivo apenas para si.³⁷ Segundo o filósofo, a natureza sabiamente assenta esse conflito social para que as forças humanas sejam impulsionadas a progredirem continuamente. Essa oposição de interesses, ou como Kant nomeia, a *insociável sociabilidade*, é uma espécie de agulhão que estimula a disputa entre os homens, contudo, não ao ponto de quererem abrir mão da congregação social, por um lado, porque ela é naturalmente desejada por todos e, por outro lado, porque o egoísta almeja concretizar suas obras dentro do círculo de relações humanas, para que estas conquistas possam servir de motivo de inveja aos demais. Esta condição força os homens a sempre promoverem e aprimorarem certos recursos formativos e coercitivos que se interponham entre estes pendores, quer dizer, a insociável sociabilidade promove e presta manutenção à promoção do progresso humano.

Por último, temos a disposição *moral*. Por meio dela o homem é capaz de tomar consciência da liberdade de seu arbítrio e, então, estabelecer-se praticamente em um plano inteligível, no qual as leis que regem suas ações são concebidas e quistas puramente pela própria vontade. Apesar da propensão ao mal, que leva o homem a agir de modo egoísta, ele

³⁵ Cf. KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 218.

³⁶ KANT, *Crítica da faculdade de julgar*, pp. 194-195.

³⁷ Cf. KANT, *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, p. 13.

tem uma disposição ao bem que se desenvolve e se fortalece à medida que as outras disposições humanas progridem historicamente. Segundo a antropologia kantiana, os homens precisam fortalecer a vontade para que ela seja capaz de sobrepujar os obstáculos dos apetites sensíveis em vista de sua plena moralização, o que ocorre justamente por meio do embate entre o bem e o mal presentes na natureza humana.

É notável a convergência conceitual existente entre a obra pedagógica e a obra antropológica de Kant, porquanto fazem parte de um mesmo sistema. Malgrado o enfoque em cada uma delas ser diferente, o escopo em ambas é o mesmo: a promoção do progresso do gênero humano em direção à moralização. Especificamente em nome disso é que Kant compreende que, tal como a criança pode aprender a viver por meio dos jogos, o homem adulto também pode fazê-lo à sua maneira.

É de fato admirável ver homens razoáveis permanecerem sentados, por horas inteiras, embaralhando cartas. Isso demonstra que os homens não deixam facilmente de ser crianças. Com efeito, em que este jogo é superior ao jogo de bolas das crianças? É verdade que as pessoas adultas não andam num cavalo-de-pau, mas elas montam outros cavalos-de-pau.³⁸

Com isso, Kant não quer afirmar que há certo grau de imaturidade ou até mesmo infantilidade naqueles que se sentam à mesa para uma disputa, pois o homem adulto não continua a ser criança porque joga, ele joga porque continua a ser alguém que forma a si mesmo através de suas ações e da relação que mantém com outros homens. Ainda que os jogos não sejam tão fecundos na promoção do sumo bem físico-moral quando comparados com os benefícios provindos de uma boa refeição, em aprazível companhia, digna de elogios do filósofo em sua obra antropológica³⁹, Kant não desconsidera totalmente o potencial moralizante que a disputa em um certame pode exercer na vida humana, uma vez que são considerados como que *deleitantes revigorantes* ou ainda, como que *remédios para o espírito*.⁴⁰ Segundo o filósofo:

Todas as nossas reuniões sociais noturnas mostram o quão prazerosos podem ser os jogos, sem que se precise baseá-los em um propósito interessado; pois sem o jogo quase ninguém consegue entreter-se. Mas os afetos da esperança, do medo, da alegria, da raiva, da zombaria entram no jogo trocando de papel a cada momento, e são tão vivazes que por meio deles, como um movimento interno, toda a atividade vital do corpo parece intensificada, tal como o demonstra a excitação da mente por eles gerada, mesmo que não se tenha ganho ou aprendido nada com isso.⁴¹

Em primeiro lugar, devemos levar em consideração o fato de que a reunião social e, com ela, a conversação, são pressupostos de um jogo de cartas. Ninguém joga sozinho, e não o faz porque a alegria de um certame está justamente na congregação entre os participantes. O momento da partida e, mais especificamente, o intervalo delas, é comumente preenchido com

³⁸ KANT, *Sobre a pedagogia*, p. 61.

³⁹ Cf. KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 175.

⁴⁰ Cf. KANT, *Lectures on Anthropology*, p. 125.

⁴¹ KANT, *Crítica da faculdade de julgar*, pp. 229-230.

a troca de ideias entre os jogadores a respeito dos mais diversos assuntos, de tal maneira que o jogo é a ocasião para a disputa nas cartas e também para a disputa das ideias. Outrossim, precisamos denotar que, em conjunto com o empenho do seguimento das regras do embate, há o esforço para o seguimento das normas de urbanidade. Se por um lado, ninguém joga sozinho, por outro lado, ninguém tem predileção para jogar com alguém que é rude e incivilizado.

Kant esclarece que numa partida há “(...) uma certa convenção de interesses pessoais para se saquearem uns aos outros com a maior cortesia”.⁴² Ora, a manobra com as cartas, apesar de almejar a vitória sobre o adversário, é essencialmente recreativa, posto que o truque não pode se tornar trapaça, e a tensão da disputa não pode se converter em grosseria. Portanto, não obstante a flutuação dos afetos acerca dos rumos que o jogo toma em vista da dinamicidade imposta pelas cartas, que ora é vantajosa, ora não o é, os participantes precisam estar no controle de suas emoções, tanto para que haja respeito entre eles quanto para que a dissimulação em prol da vitória seja crível. O entusiasmo e a frustração precisam ser externalizados identicamente. O domínio sobre os próprios afetos, isto posto, deve percorrer toda a extensão da partida, ao ponto do blefe se confundir com a urbanidade.

Cada jogador deve montar a sua estratégia, não apenas a partir das cartas que tem em mãos, mas também levando em conta as possíveis cartas de seu adversário. Um jogador precisa, com isso, memorizar o desenrolar do certame para que consiga antever a sua continuidade, deve imaginar e reimaginar os prováveis cenários a cada jogada, bem como tentar identificar a emoção do oponente que subjaz ao seu blefe. Segundo Kant, boa parte da alegria da vitória em uma disputa está em derrotar um adversário através do uso da habilidade, quando, mesmo na ocasião em que as cartas não são as melhores, o jogador é capaz de criar a sua própria sorte.⁴³

Um bom jogador, por conseguinte, é um homem disciplinado, que pensa antes de tomar as suas decisões, que não se deixa dominar pelas suas emoções, que se obriga a seguir às regras do jogo, não apenas porque almeja uma possível vitória, mas principalmente porque, somente assim, a congregação social é desfrutada com maior vivacidade. Destaquemos que todas estas características são primordiais para a moralização e é justamente por esse motivo que Kant afirma que o jogo de cartas disciplina o ser humano⁴⁴, e mais, que “os jogos (...) cultivam, tornam-nos equânimes, (...) e podem, assim, influenciar a moralidade”.⁴⁵

Posto isto, não podemos concluir de forma apressada que os jogos moralizam os homens, até porque, a disputa das cartas, caso não seja bem gerida, pode se tornar uma paixão, responsável por submeter o espírito humano ao vício e à ilusão, conhecidos obstáculos para a autonomia. A elogiosa influência dos jogos concerne especificamente à contribuição que eles podem prestar no desenvolvimento das disposições humanas, principalmente a *técnica* e a *pragmática*, as quais são indispensáveis para que a disposição *moral* também venha a se desenvolver. Ninguém se torna moralizado porque é um bom jogador, entretanto, um homem que é um bom jogador tem mais chances de ser um homem hábil, prudente, sociável, e que, por isso, tem seu espírito vivificado na direção da moralização. Em suma, a disputa nas cartas fortalece o espírito humano e apenas um espírito resoluto é capaz de aproximar o homem de sua finalidade moral.

⁴² KANT, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 175.

⁴³ Cf. KANT, *Lectures on Anthropology*, p. 129.

⁴⁴ Cf. KANT, *Lectures on Anthropology*, p. 155.

⁴⁵ KANT, *Lectures on Anthropology*, p. 427.

Considerações finais

A moralização humana abrange a integralidade da história dos homens, perpassando da espécie ao indivíduo e vice-versa. Apesar da moralização ser como que um renascimento, que irrompe livremente do espírito humano, ela impõe a este espírito, antes de tudo, que se fortifique em consideração a este fim. É justamente por este motivo que os recursos não-morais ganham importância para a moral. O homem é um ser que se constitui historicamente e o faz à medida em que se projeta com sua cultura geração após geração. Não podemos ignorar, portanto, a dinamicidade da vida humana em sua existência material, único solo sobre o qual o progresso espiritual pode ser erigido. Concluímos, nesse quadro, que dentre os recursos formativos da educação e da antropologia, os jogos desempenham um papel de grande importância para a razão humana, porque são capazes de ensinar os homens a viverem através da interrelação que mantêm enquanto jogam, bem como através da relação que cada qual mantém consigo próprio, enquanto o espírito de cada um é posto também para jogar consigo mesmo. A criança e o adulto, ao jogarem, alegram-se com a vida, pois estão aprendendo a jogar o seu jogo e, ao fazê-lo, alegram-se sobre a vida, já que compreendem que, ao saberem jogar este jogo, são capazes de se aproximar mais acertadamente de seu fim.

Referências bibliográficas

BOROWSKI, Ludwig Ernst. *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*. Tradução de Agustín González Ruiz. Madri: Tecnos, 1993.

HEINE, Heinrich. *On the History of Religion and Philosophy in Germany and other Writings*. Tradução de Howard Pollack-Milgate. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Tradução de Rodrigo Naves e Ricardo Ribeiro Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KANT, Immanuel. *Lectures on Anthropology*. Tradução de Allen W. Wood et al.. Nova York: Cambridge University Press, 2012.

KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2011.

KUEHN, Manfred. *Kant. A Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VANDEWALLE, Bernard. *Kant. Educación y crítica*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.